

“Quando o Estado é o Capital...”: a relação neofascismo e o capitalismo em âmbito internacional

Leonardo Carnut¹

Resumo: Revisou-se sobre o que a literatura científica mundial vem apresentando sobre a relação entre o neofascismo e o capitalismo em âmbito internacional. Para isso, realizou uma revisão sistemática crítica marxista da literatura na área das ciências sociais e humanas, na base de dados Taylor & Francis. A estratégia de busca foi construída com os termos livres: ‘neofascismo’, ‘capital’ e ‘internacional’. Português, espanhol e inglês foram os limites de idioma. A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo crítica de matriz marxista. Após o processo de seleção, 10 artigos foram incluídos na revisão. Sintetizou-se e criticou-se os seguintes elementos dos artigos: as teorias usadas para análise, os aspectos neofascistas e/ou os agentes que representam a pauta neofascista em estudo, a representação do capital internacional nos estudos, a relação existente entre o capital internacional e o neofascismo e, por fim, o papel da(s) esquerda(s). Os artigos permitem afirmar que os dados sobre esta relação são plurais e demonstram uma rede difusa entre seus agentes. Há diversas instituições doadoras que agem como financiadores das ações neofascistas em uma rede transatlântica ‘Estados Unidos-Europa’ e o papel central desta relação apresentado pelos artigos encontra-se na ‘decadência capitalista’ e no aspecto de ‘guerra cultural’ “assumido” pelo fenômeno.

Palavras-chave: Neofascismo, Capital Internacional, Neoliberalismo, Marxismo, Revisão Sistemática.

Introdução

A crise de longa depressão e duração descrita por Roberts (2016) tem demonstrado o estágio da crise capitalista e como sua agudização é um elemento que justifica a adoção da tática fascista. É fundamental lembrar que a crise econômica vem se caracterizando como de “longa depressão” há cerca de 30 anos, especialmente a partir do *crash* de 2007/2008. Trata-se de entendê-la sobre o prisma da combinação entre produto de baixo investimento e reduzido crescimento da produtividade decorrente de uma menor lucratividade do investimento em setores produtivos e um aumento vertiginoso do capital fictício. O capitalismo mundial experimenta uma profunda depressão com dificuldades para superar esta crise e é neste ponto em que o neofascismo encontra terreno fértil para germinar (GUAMÁN, MARTIN, ARGONESES, 2019).

É essencial lembrar que tanto o neofascismo quanto o próprio fascismo histórico não devem ser interpretados exclusivamente à luz de suas lideranças, mas sim de aspectos conjunturais que se encontram (e se constroem) (CALDEIRA-NETO, 2020). Por isso que Fassin (2018) vem batizando o fenômeno que se vive hoje como ‘o momento neofascista do neoliberalismo’. Para o sociólogo, ao contrário das análises de Mouffe, que se recusa a “classificar os partidos populistas² de direita como ‘extrema-direita’ ou

¹Livre-Docente em Ciências Sociais em Saúde pela Universidade de São Paulo (USP). Professor adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

²Segundo Löwy (2021), o uso do conceito de “populismo” para expressar o que se vive no mundo com a extrema-direita é um termo equivocado. A crítica ao termo adveio no uso pouco rigoroso por parte de certos cientistas políticos, mídia e até mesmo por parte da esquerda para explicar a natureza dos movimentos neofascistas na Europa, servindo, segundo o autor, apenas para semear confusão. (LÖWY, 2021). De fato, o problema do conceito é que ele esvazia o conteúdo histórico-social dos movimentos populares igualando mobilizações de trabalhadores com mobilizações reacionárias. Além disso, o termo, se vale do conceito de “elite” política, ocultando o papel destes dirigentes no sistema produtivo e tendo como mediador a relação entre os governantes em direção um “povo” (mais uma vez destituído da questão de classe, portanto, amorfo).

‘neofascista’”, Fassin argumenta que o novo tipo de fascismo vivido apresenta ancoradouro na dinâmica capitalista do neoliberalismo em sua fase atual (FASSIN, 2018).

Assim, não se trata apenas de uma “fase autoritária” do neoliberalismo, como apontam Boffo, Saad-filho e Fine (2018), já que o cerne da dinâmica capitalista é ser autoritária em si mesma, impondo sua *Weltanschauung* (visão de mundo) e construindo formas e relações capitalistas em todos os terrenos da vida social. Portanto, segundo Prado (2020), a explicação do neofascismo deve centrar-se na recorrência do fracasso neoliberal em conseguir tanto uma reprodução mais célere do sistema quanto uma reprodução pouco conflitiva da vida social como os elementos responsáveis. Como bem adverte o autor:

ademais, a estratégia do Estado de consolidação tende também a um processo de esgotamento: o endividamento não pode crescer sempre mais rapidamente do que a geração de mais-valor na esfera da produção mercantil. É aqui, talvez [...] que o neofascismo pode encontrar de fato a sua hora e a sua vez no balanço do poder. Pois, como se sabe, é possível argumentar que economia capitalista no País está tendendo à estagnação completa (estagnação completa de -0,3% ao ano) (PRADO, 2020, p. 5).

Ao identificar o neofascismo no âmbito dos países imperialistas, alguns autores como Prado (2020) afirmam que o ressurgimento do fascismo na Europa não é apenas a consequência de uma hostilidade à imigração, mas um dos resultados da exploração dos países da periferia do capitalismo pelos chamados “governos *civilizados*” (CAMPOS, 2018). Mesmo dentro da Europa, o neofascismo veio como uma resposta à crise combinada com a impossibilidade de resolução liberal das contradições de classe, que, lá, estabeleceu-se no irreconciliável ajuste entre demandas sociais e acumulação capitalista.

Logo, o neofascismo europeu não é a repetição do fascismo dos anos 1930: é um fenômeno novo, com características do século XXI. Ele não assume a forma de uma ditadura militar, mas respeita alguns ritos democráticos: eleições, pluripartidarismo, liberdade de imprensa, existência de um parlamento etc. Trata, na medida do possível, de limitar ao máximo estas liberdades democráticas, com medidas autoritárias e repressivas a depender da conjuntura doméstica. Tampouco se apoia em tropas de choque armadas, como eram as SA alemãs ou o *fascio* italiano (LÖWY, 2021). Assim, pode-se dizer que a Europa aprendeu algo com as tragédias dos anos 1930 e 40. Ou, pelo menos aprendeu que não se deve fazer campos de concentração dentro de seu continente, mas fora...³ (CAMPOS, 2018).

Já no caso dos países de capitalismo dependente, o papel do neofascismo é bem peculiar. Na tentativa legítima de evitar imprecisões analíticas, alguns autores (FONTES, 2019; OURIQUES, 2020) têm insistido em termos como “conservador”, “autoritário”, “totalitário” e até “protofascista”, “semifascista”, “pós-fascista” para qualificar a emergência do fascismo nos países latino-americanos. Consideramos esta visão equivocada já que estes termos soam como eufemismo em relação aos fatos e sua articulação com a totalidade. Além disso, a gestão do medo, a apologia à violência, e, em especial o

³Campos (2018) relata que “em 2002, os primeiros-ministros Tony Blair e José María Aznar levaram à cúpula da União Europeia a proposta de punir com sanções econômicas os países de origem de imigrantes indesejáveis. A proposta causou escândalo porque explicitava o desejo de que governos dos países da África, por exemplo, transformassem-se em ‘carcereiros dos seus cidadãos’”. (CAMPOS, 2018, p. 5).

papel de um Estado contrainsurgente – que flerta constantemente com o fascismo (MARINI, 1978) e atua sempre sob a batuta de uma contrarrevolução preventiva (FERNANDES, 1976) – fazem com que as readaptações ou reinterpretções das políticas fascistas tradicionais às novas circunstâncias se tornem uma realidade bem mais agressiva.

Neste sentido, em uma abordagem dialética, Mathias e Salama (1983) já anunciavam que o papel estreito, inconcluso ou incompleto da democracia burguesa (caracterizada por sua ‘legitimidade restrita’) em países de capitalismo dependente como os da América Latina, serve de elemento empírico para justificar que

nos países capitalistas desenvolvidos, o estado de exceção é a ditadura, enquanto o estado normal é a democracia. [Já] nos países **subdesenvolvidos**, o **estado de exceção** é a **democracia**, ao passo que o **estado normal** são os **regimes políticos de legitimidade restrita**. O Estado desempenha um papel particular na difusão das relações mercantis nos países subdesenvolvidos. (MATHIAS e SALAMA, 1983, p. 10) [grifos nossos]

Dito isto, a hipótese principal que os estudiosos levantam é que o neofascismo na periferia seria a resposta do bloco dominante transnacionalizado às contradições da globalização neoliberal, com a conclusão de que o neofascismo periférico do século XXI corresponderia à ‘fase superior’ do neoliberalismo, a última etapa do imperialismo, nos países latino-americanos (MARTÍN, 2020). Neste sentido, o papel que joga a legitimidade restrita de seus regimes políticos aliados a essência contrainsurgente do Estado, faz com que o neofascismo na América Latina tenha um caráter muito mais destrutivo do que ocorre nos países de capitalismo central não podendo, portanto, ser “amenizado” com prefixos do tipo: “semi-”, “hemi-” ou “(proto-)fascismo”.

Isto pode ser verificado empiricamente por meio de algumas diferenças. Por exemplo, nos países centrais europeus o neofascismo⁴ focou-se, em uma primeira versão, contra o Estado de bem-estar social, pelo peso dos impostos e por meio de um “identitarismo”⁵ nacionalista anti-imigração que vê no “outro” (não-europeu) a raiz da dissolução de suas vidas (VIEL, 2021; CAMPOS, 2018). Bernstein (2018) chama este fenômeno de ‘neofascismo defensivo’. Contudo, isto não retira dos países europeus o caráter dialético desta relação, já que, da mesma forma que no fascismo clássico em que a burguesia italiana se aliou ao capital inglês no sentido de garantir a manutenção dos seus privilégios (PACHUKANIS, 2020), no neofascismo, a Grécia rendeu-se aos pacotes de austeridade do FMI e os países do leste europeu se viram reféns da política protecionista da zona do euro. Assim, mesmo na Europa, estes países são vistos como a “escória” do velho mundo, os “de baixo” e, que, portanto, suas populações são ‘intrusos’ devendo resignarem-se aos seus locais.

⁴Para Löwy (2021, p. 2), “uma tentativa de tipologia da extrema-direita europeia atual teria de distinguir pelo menos três tipos diferentes: 1) *Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista*; 2) *Partidos neofascistas*; e 3) *Partidos de extrema-direita*.”

⁵O identitarismo na Europa vem apresentando uma diferença na concretude dos fatos em relação ao que ocorre no Brasil. Enquanto no velho mundo o identitarismo está relacionado com um nacionalismo ufanista dos Estados europeus, baseada na assunção de serem os principais herdeiros da cultura ocidental, no Brasil, o identitarismo assume outra posição, ligada à identidade de gênero-sexualidade e raça-etnia, gerando mais contra-hegemonia à sobre a herança cultural capitalista.

Já na América Latina, o neofascismo é dotado de um caráter ‘autodestrutivo’ (BERNSTEIN, 2018) tornando-se ainda pior do que nos países de capitalismo central. Se, em condições “normais” de regime legitimidade restrita, os países latino-americanos vivem sob a revelia de uma burguesia associada que sobrevive da transferência de mais-valor da periferia para o centro provocando com isso uma superexploração da força de trabalho; em tempos de neofascismo ela desvela seu caráter pró-imperialista em absoluto e ainda, contraditoriamente, é conclamada de forma “ufanista” pela classe média e frações da classe trabalhadora mais atingidas pela crise que, fascistizados, endossam politicamente tamanha subserviência. Neste contexto, sem um “outro” para responsabilizá-lo pela crise, há a necessidade de encontrar alguém a quem culpabilizar, e, claro, destilar ódio direcionando a violência. O culpado passa a ser o próprio cidadão compatriota que, por algum critério (econômico, étnico-racial ou moral) – por exemplo: os pobres, os negros, os povos originários ou, ainda, os homossexuais – passam a ser o motivo da crise e cuja existência deve ser eliminada (CARNUT, 2020).

Dado as características particulares de cada conjuntura doméstica (CARNUT, 2020), o neofascismo no Brasil assume um aspecto muito semelhante ao relatado. Loff, ao ser entrevistado por Viel (2021), não hesita em classificar o governo de Jair Bolsonaro como representante do neofascismo. “O discurso que [ele] tem sobre os movimentos sociais e políticos que se lhe opõem, sobre as mulheres, as minorias étnicas, a família, a nação, o Ocidente configura um neofascismo adaptado ao Brasil do século 21” (VIEL, 2021, p. 3). Para Löwy (2021), o que Bolsonaro tem em comum com o fascismo clássico é o autoritarismo, a preferência por formas ditatoriais de governo, o culto do Chefe (“Mito”) Salvador da Pátria, o ódio à esquerda e ao movimento operário (LÖWY, 2021). Mas não dispõe de condições de estabelecer uma ditadura, ou seja, de um regime fascista. Neste sentido, não se pode dizer que no Brasil de 2021 haja um ‘regime fascista’, mas, sim, vive-se um ‘governo neofascista’.

O “neofascismo brasileiro”, na atual conjuntura político-econômica, também tem forte apelo entre segmentos importantes da massa pobre marginalizada, totalmente precarizada e sem qualquer tipo de organização política (trabalhista, partidária etc.). Ainda, o presidente Jair Bolsonaro, sensibiliza parte da população jovem desinformada e despolitizada, mas que tem presença nas redes sociais e que enxerga nele um “comportamento supostamente transgressor”, distinto dos demais políticos profissionais – em geral desmoralizados (FILGUEIRAS, 2018).

O movimento neofascista brasileiro é um processo leviatânico produzido por uma heterogênea coalizão sociopolítica e político-institucional do capitalismo neoliberal no Brasil, na qual as diversas frações da burguesia se alinham na conjuntura de múltiplas determinações, caracterizada pela crise de estagnação da economia; pela luta de classes de cima para baixo das classes proprietárias contra as reformas sociais (em uma sociedade extremamente desigual) e contra as lideranças da esquerda com elas comprometidas; pela presença de um partido de trabalhadores com vocação e experiência governista e com respaldo no eleitorado; e pela crise dos partidos tradicionais da democracia brasileira, especialmente o PSDB e o PMDB, além do próprio PT. Esse processo não se apoderou plenamente do Estado, mas seu

impacto vem fechando o regime, a tal ponto em que a fronteira entre democracia e autoritarismo no Brasil está borrada (IANONI, 2019; PUZONE, 2019).

O neofascismo, portanto, não é a *causa* da crise econômica (OLIVEIRA, 2018), mas *resultado e produto* dela; surge como uma suposta solução para remediar os males produzidos pelo capitalismo neoliberal financeirizado, mas que na verdade aprofunda o problema, aguçando ainda mais a crise: a sua agenda econômica é uma radicalização do neoliberalismo (mais do mesmo do que já vem sendo feito há quatro décadas, uma espécie de ultraneoliberalismo⁶), cujas reformas e políticas econômico-sociais produziram as sucessivas crises localizadas (em países e regiões) ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000 e, finalmente, a crise mundial de 2008. Na verdade, a pseudossolução oferecida é o ataque à democracia liberal e as suas instituições, através da constituição e mobilização de um movimento de massa (típica de todos os fascismos), do uso de milícias digitais e da propagação de mentiras e confusão nas redes sociais (típicas do neofascismo) com o auxílio do negacionismo⁷ (FILGUEIRAS e DRUCK, 2020) e deslegitimação da ciência (DIETHELM e MCKEE, 2009) substituindo-as pelo irracionalismo de teorias conspiracionistas⁸ (MARTIN, 2020) – tudo isso soldado por uma agenda cultural e moral retrógrada, fundamentalmente heteropatriarcal (PARINETTO, 2020), pautada no fundamentalismo evangélico (em especial o neopentecostal) de natureza pré-moderna (FILGUEIRAS e DRUCK, 2020).

É nesta complexidade do fenômeno que este estudo objetiva revisar o que a literatura científica mundial vem apresentando sobre a relação entre o neofascismo e o capitalismo em âmbito internacional.

Método

Realizou-se uma revisão sistemática crítica da literatura (GRANT e BOOTH, 2019). Este método tem como objetivo demonstrar que o autor pesquisou extensivamente em uma base de dados de escolha e como avaliou criticamente a qualidade do que foi revisado. As revisões sistemáticas críticas vão além da mera descrição e visam apresentar um grau de análise sobre os estudos incluídos e, quando possível elaborar uma inovação conceitual, teórica ou ambas (GOUGH, THOMAS e OLIVER, 2012).

Assim sendo, uma revisão crítica oferece uma oportunidade de ‘fazer um balanço’ e avaliar o que é valioso do corpo dos trabalhos anteriores. Por se interessar pela heterogeneidade das compreensões, este tipo de revisão geralmente parte das seguintes perguntas: como entender o desenvolvimento da pesquisa

⁶Ultraneoliberalismo é um conceito em desenvolvimento e que encontra justificativa empírica nos termos descritos por Boffo, Saad-Filho e Fine (2018) sobre o momento histórico compreendido como “virada autoritária” do neoliberalismo, intensificando as políticas de defesa do mercado, com ampliação da restrição de gastos públicos. Para estes autores, o neoliberalismo precisa do conservadorismo radical e do autoritarismo para torna-se ‘ultra’ já que as fases anteriores de “instalação” e de “subjetivação” do neoliberalismo não foram suficientes para superação da crise capitalista de longa duração.

⁷Para Diethelm e McKee (2009) o negacionismo é o emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de debate legítimo onde não há. A negação é um processo que emprega alguns ou todos os cinco elementos característicos em uma forma combinada: 1) a conspiração e/ou *inversionismo*; 2) o uso de falsos especialistas e difamação de especialistas; 3) seletividade dos argumentos; 4) a criação de expectativas impossíveis sobre o que a pesquisa pode oferecer; 5) uso de falácias lógicas.

⁸Ao lidar com as “teorias conspiracionistas”, entender sua razão tática é essencial. Martin (2020) aponta que as lutas contra as teorias conspiracionistas podem ser analisadas em termos das táticas que poderosos perpetradores usam para reduzir a indignação sobre a injustiça. Para isso usam o encobrimento, a desvalorização, a reinterpretção, os canais oficiais e a intimidação/recompensas.

sobre um assunto *dentro* e *em* diferentes tradições de pesquisa? Que teorias podem ser geradas a partir da literatura conceitual e empírica? (GOUGH, THOMAS e OLIVER, 2012).

É neste caminho que a pergunta de pesquisa que direcionou esta revisão foi: “o que a literatura científica apresenta sobre a relação entre o neofascismo e o capitalismo em âmbito internacional?”. Assim, tomou-se como itens-chave da pergunta de pesquisa os termos “neofascismo”, “capitalismo” e “internacional”.

A partir destes termos identificados como centrais para manutenção da coerência da pergunta de pesquisa, usou-se estes itens-chave como ponto de partida para elaboração de uma sintaxe de busca. Para isto, elegeu-se o banco de dados da Taylor & Francis (T&F) (<https://www.tandfonline.com/search/advanced>), editora internacional de periódicos científicos que apresenta 439 revistas altamente qualificadas na área das humanidades, na qual se encontram as áreas da economia, política e sociologia. Assim, ao entrar na página deste banco de dado, na seção ‘busca avançada’ foi elaborada uma estratégia de busca com os operadores booleanos AND e OR, cuja sintaxe final foi: [[All: "neo-fascism"] OR [All: neofascism]] AND [All: capital] AND [All: international]. Com esta sintaxe obteve-se 414 estudos identificados (testado em 13 de março de 2021).

Destes 414 estudos identificados, foi usado um filtro de disponibilidade dos estudos na íntegra (já que, para ter acesso aos estudos na íntegra, é necessário pagá-los). Este filtro ‘*Only show content I have full access to*’ permitiu que a sintaxe final agregasse um operador que restringiu a busca apenas aos estudos disponíveis gratuitamente. Assim, após a aplicação deste filtro, o número de estudos identificados reduziu para 32.

Destes 32 estudos identificados, 4 estudos eram revisões de livro e por isso foram excluídos. Dos 28 estudos remanescentes, 2 destes apresentavam o prefixo ‘neo’ como o nome/sobrenome dos autores, não relacionando o conteúdo com o termo neofascismo apresentado na busca e, por esta razão foram excluídos. Dos 26 estudos restantes (Quadro 1), outras exclusões foram realizadas por alguns motivos (eram editoriais, ou considerava a ditadura militar brasileira como ‘neofascista’, tratavam sobre populismo e não neofascismo, ou ainda, o neofascismo só aparecia na nota de rodapé). Assim, restou-se 10 artigos finais incluídos para revisão.

O processo de análise dos dados dos 10 artigos incluídos seguiu a realização do método da revisão sistemática crítica, que procura identificar a contribuição conceitual para incorporar uma teoria existente ou derivar uma nova teoria. Assim, nenhuma avaliação de qualidade metodológica dos estudos foi realizada pois a inclusão dos 10 estudos está relacionada com a contribuição que cada um apresenta em responder à pergunta da revisão. Para a síntese dos dados, optou-se por uma síntese metodologicamente ancorada na análise de conteúdo crítica (UTT e SHORT, 2018). Esse método foi escolhido porque se refere a uma forma de analisar o conteúdo de um texto, embasada na crítica à ideologia burguesa dominante (LÖWY, DUMÉNIL e RENAULT, 2015) e, portanto, converge com a tradição marxista de análise e interpretação dos fenômenos usada para compreender os resultados deste estudo.

Quadro 1. Autores, títulos, revistas científicas e razões das exclusões dos artigos e artigos que permaneceram para compor os artigos incluídos para a revisão sistemática crítica. 2021.

N.	Autores, Ano	Título	Revista Científica	Razão da Exclusão
1	Means e Ida, 2020	Education after empire: A biopolitical analytics of capital, nation, and identity	<i>Educational Philosophy and Theory</i>	Permaneceu*
2	Noonan, 2020	Trump and the Liberal International Order	<i>International Critical Thought</i>	Permaneceu*
3	Pertwee, 2020	Donald Trump, the anti-Muslim far right and the new conservative Revolution	<i>Ethnic and Racial Studies</i>	Permaneceu*
4	Means et al, 2020	Empire and education	<i>Educational Philosophy and Theory</i>	Editorial
5	Peters, 2020	Alas America! Lament for a shattered dream on the eve of political breakdown	<i>Educational Philosophy and Theory</i>	Editorial
6	Peters, 2020	The coming pandemic era	<i>Educational Philosophy and Theory</i>	Editorial
7	Opratko et al, 2020	Cultures of rejection in the Covid-19 crisis	<i>Ethnic and Racial Studies</i>	Permaneceu*
8	Houlden e Veletsianos, 2020	The problem with flexible learning: neoliberalism, freedom, and learner subjectivities	<i>Learning, Media and Technology</i>	Não trata do tema
9	Robinson, 2019	Capital has an Internationale and it is going fascist: time for an international of the global popular classes	<i>Globalizations</i>	Permaneceu*
10	Álvarez e Chase-Dunn, 2019	Forging a diagonal instrument for the global left: the vessel	<i>Globalizations</i>	Permaneceu*
11	Moghadam, 2019	On Samir Amin's call for a Fifth International	<i>Globalizations</i>	Permaneceu*
12	Martins, 2019	Samir Amin and the challenges of socialist transformation in senile capitalismo	<i>Globalizations</i>	Permaneceu*
13	Meer, 2019	The wreckage of white supremacy	<i>Identities</i>	Editorial
14	Kiersey e Sokoloff, 2019	The Question of Tactics in an Age of Authoritarian Neoliberalism	<i>New Political Science</i>	Editorial
15	St-Georges, 2019	Brazilian Horrors Past and Present: José Mojica Marins and Politics As Reproductive Futurism	<i>Journal of Latin American Cultural Studies</i>	Considera a ditadura militar brasileira como 'neofascista'
16	Verbeek e Zaslove, 2019	Contested Issues Surrounding Populism in Public and Academic Debates	<i>The International Spectator</i>	Trata sobre populismo e não neofascismo
17	Dimitrakaki e Lloyd, 2017	Social Reproduction Struggles and Art History: An Introduction	<i>Third Text</i>	Não trata do tema
18	Feldman e Pollard, 2016	The ideologues and ideologies of the radical right: an introduction	<i>Patterns of Prejudice</i>	Neofascismo só aparece na nota de rodapé
19	Marthinsen et al, 2016	Social work and neoliberalism: the Trondheim papers	<i>European Journal of Social Work</i>	Editorial
20	Fink-Hafner, 2016	A Typology of Populisms and Changing Forms of Society: The Case of Slovenia	<i>Europe-Asia Studies</i>	Trata sobre populismo e não neofascismo
21	Askanius e Mylonas, 2015	Extreme-right Responses to the European Economic Crisis in Denmark and Sweden: The Discursive Construction of Scapegoats and Lodestars	<i>Javnost - The Public</i>	Permaneceu*
22	Testa e Armstrong, 2008	Words and actions: Italian ultras and neo-fascism	<i>Social Identities</i>	Permaneceu*
23	Cochrane, 2007	Rural poverty and impoverished theory: Cultural populism, ecofeminism, and global justice	<i>Journal of Peasant Studies</i>	Neofascismo só aparece na nota de rodapé
24	Zack-Williams, 1995	Development and diaspora: separate concerns?	<i>Review of African Political Economy</i>	Não trata do tema
25	Behrend, 1992	Women catapulted into a different social order: women in East Germany1	<i>Women's History Review</i>	Não trata do tema
26	Lawless, 1983	A Quasi History of the Central Vietnamese Highlanders	<i>Bulletin of Concerned Asian Scholars</i>	Não trata do tema

*Artigos que permaneceram por seu conteúdo estar de acordo com a pergunta desta revisão

Fonte: elaboração do autor

Resultados

Entre os 10 artigos revisados, as publicações iniciam-se em 2008, sendo 1 artigo da década de 2000-2010 e 9 artigos publicados entre 2011-2020. Na análise dos artigos observou-se que 2 artigos não explicitam a teoria em que ancoram suas análises (PERTWEE, 2020; NOONAN, 2020), 2 não apresentam claramente a representação do capital internacional (OPRAKTO et al, 2020; MOGHADAM, 2019), 1 não apresenta a relação clara entre o neofascismo e o capital internacional (MOGHADAM, 2019) e 6 não apresentam o papel que as esquerdas devem desempenhar no enfrentamento da relação entre o neofascismo e capital internacional (MEANS e IDA, 2020; OPRAKTO et al, 2020; PERTWEE, 2020; NOONAN, 2020; ASKANIUS e MYLONAS, 2015; TESTA e ARMSTRONG, 2008).

Cinco estudos são localizados nos EUA, 1 no Brasil, 1 na China, 1 na Itália, 1 no Reino Unido e 2 são estudos de compararam situações de diferentes países na Europa. Um deles sobre a realidade da Suécia e Dinamarca, e outro sobre a Áustria, Croácia, Alemanha, Sérvia e Suécia. Os objetivos dos artigos incluídos podem ser conferidos no quadro 2, os quais estão dispostos em ordem cronológica decrescente. No quadro 3 está sintetizado a relação propriamente dita. No quadro 4 é possível ver uma síntese da ênfase de cada artigo (teórico ou empírico) e a classificação da relação entre neofascismo e capital internacional.

Discussão

Teorias usadas para análise

Quanto às teorias usadas como suporte à análise realizada pelos estudos, percebeu-se uma pluralidade que pode ser sistematizada em 6 grupos. O primeiro grupo é referente àqueles estudos que ‘*não explicitam*’ o suporte teórico que usam (NOONAN, 2020; PERTWEE, 2020).

O segundo grupo é composto por dois estudos que usam a ‘*teoria do sistema-mundo*’ para análise (ALVAREZ e CHASE-DUNN, 2019; MARTINS, 2019). A teoria do sistema-mundo é uma teoria considerada ‘pós-marxista’ usada no campo das relações internacionais, da geografia econômica e da economia política internacional. Nestes termos o neofascismo estaria ligado ao capital internacional por meio do conceito de ‘sistema-mundo’ (WALLERSTEIN, 2002; ARRIGHI e SILVER, 2001; AMIN, 2005). O ‘sistema-mundo’ baseia-se na divisão inter-regional e transnacional do trabalho e resulta na divisão do mundo em países centrais, semiperiféricos e periféricos. Os países centrais concentram a produção altamente especializada e capital-intensiva, enquanto o resto do mundo se dedica à produção trabalho-intensiva e não especializada e à extração de matérias-primas. Isto tende a reforçar a dominância dos países centrais. O subdesenvolvimento dos países do hemisfério sul nesta teoria se deve à sua posição na estrutura da ordem econômica internacional, por isso as diferenças nos matizes do neofascismo, a rigor, dependeriam também da posição do país nesta estrutura.

Quadro 2. Elementos extraídos dos artigos – autor, ano, país, método, objetivo, contexto, teorias usadas na análise e aspectos/agentes neofascistas. 2021.

Autor, Ano	País(es)	Método	Objetivo	Contexto histórico	Teoria para análise	Aspectos/Agentes neofascistas
Means e Ida, 2020	EUA	Ensaio crítico	Desenvolver uma ontologia política da educação como representações de como os modos de educação circulam para estabilizar e conter as crises do Império, especificamente em relação ao capitalismo, nacionalismo e identidade.	2020	Hardt e Negri (Foucault e Spinoza)	Educação como instituição solicitada pelo neofascismo
Noonan, 2020	China	Ensaio crítico	Examinar os verdadeiros motores do sistema liberal capitalista e com ele confronta as ilusões ideológicas do cosmopolitismo liberal com essas realidades.	2020	Não explícita	Trump
Oprakto et al, 2020	Áustria, Croácia, Alemanha, Sérvia e Suécia	Ensaio crítico	Analisar a crise de covid-19 no que se refere às “culturas contemporâneas de rejeição”	2020	Estudos Culturais (Balibar)	“Estado de emergência” (neoliberalismo autoritário).
Pertwee, 2020	Reino Unido	Qualitativo (Análise de Conteúdo)	Analisar a “contra-jihad”, um campo transnacional de ação política antimuçulmana que emergiu em meados dos anos 2000.	2018	Não explícita	<u>Figura Pública:</u> Bernard Lewis e Samuel Huntington (Contra-jihad) <u>Escritora:</u> Gisèle Littman (Bat Ye'Or). <u>Caso:</u> Stephen Yaxley-Lennon (pseudônimo “Tommy Robinson” –, um ex-líder da Liga de Defesa Inglesa Anti-muçulmana – EDL).
Robinson, 2019	EUA	Ensaio crítico	Refletir sobre o apelo de Samir Amin por uma nova Internacional	2019	Marxista	Mobilização de populações insatisfeitas.
Álvarez e Chase-Dunn, 2019	EUA	Ensaio crítico	Repensar a questão da organização política global, propondo a construção de uma organização política diagonal para a Esquerda Global.	2019	Sistema-mundo	Ascensão de movimentos e partidos populistas de direita e neofascistas e a possível chegada de outro período de desglobalização.
Moghadam, 2019	EUA	Ensaio crítico	Abordar seu apelo por uma mudança do movimento pa-para a organização em direção a uma espécie de Quinta Internacional	2019	“Progressista”	Populistas de direita (risco de localismo reacionário e excludente). <u>Figura Pública:</u> Steve Bannon. <u>Partidos Políticos:</u> Partidos islâmicos pertencem diretamente à direita.
Martins, 2019	Brasil	Ensaio crítico	Apontar dimensões estratégicas do pensamento de Samir Amin.	2019	Sistema-mundo	Neofascistas usam o poder do Estado para destruir as pressões competitivas do surgimento de novos pólos de poder econômico; Neofascismo prioriza as lutas culturais negligenciando as batalhas econômicas.
Askanius e Mylonas, 2015	Dinamarca e Suécia	Qualitativo (estrutura teórica do discurso)	Examinar a mídia <i>online</i> de extrema- direita como um local de luta discursiva sobre as definições das causas, consequências e remédios da crise econômica europeia	2010-2013	Teoria do discurso pós-estruturalista (Laclau e Mouffe)	<u>Suécia:</u> <u>Ativismo:</u> <i>Nordfront</i> (“voz livre do Norte”); Nordisk Ungdom (<i>Nordic Youth</i>). <u>Partido Político:</u> Realisten (Svenskarnas Parti – Partido dos Suecos). <u>Site:</u> Richard Langrén (Nationell.nu). <u>Dinamarca:</u> <u>Partido Político:</u> Danmarks Nationalsocialistisk Bevægelse (Movimento Nacional Socialista da Dinamarca), o principal partido neonazista do país; Danskernes Parti (partido de extrema-direita em ascensão). <u>Site:</u> Stop Islamiseringen af Danmark; Modstand.nu (Vederfølner). <u>Ativismo:</u> Danmarks Nationale Front. <u>Blogs pessoais:</u> Uriaposten e Snaaphanen.
Testa e Armstrong, 2008	Itália	Qualitativo (Método etnográfico)	Analisar os princípios neofascistas manifestados pelos os grupos de fãs de “ultras” como uma consequência e uma resistência contra os valores socioculturais e políticos dominantes da Itália contemporânea	2003-2007	Teoria do Novo Consenso sobre Fascismo; Nacionalismo da “Terceira Via” proposto (Mussolini, 1930).	“Ultras” (organizações neofascistas do futebol – hooliganismo de direita).

Fonte: elaboração do autor

Quadro 3. Elementos extraídos – autor, ano, representação do capital internacional, relação neofascismo-capital internacional e papel das esquerdas, 2021.

Autor, Ano	Representação do capital internacional	Relação entre o neofascismo e o capital internacional	Papel da esquerda
Means e Ida, 2020	Jeff Bezos e Elon Musk	Levam a ecologia do mundo ao precipício, eles sonham com a fuga planetária; a colonização espacial (Império a toda a galáxia); fantasias de eterna acumulação de capital, movidas pela educação e tecnologia; economia de Inteligência Artificial (IA) e a educação como retreinadora; no imaginário dos movimentos de direita, a educação é um traço palinogenético; declínio do investimento público; dívida compulsória e o impulso para privatizar e padronizar os sistemas de educação.	Não apresenta
Noonan, 2020	Trump	Trump não é a causa do declínio do mundo liberal-capitalista cosmopolita, ele é um efeito de sua decadência e fracasso; Os críticos de Trump se concentram em sua retórica, e não nas realidades da competição estratégica.	Não apresenta
Oprakto et al, 2020	Não apresenta	Estado deveria ser a instituição para liderar a saída da crise econômica, fornecendo suporte financeiro à economia ou oferecendo compensações a empresas e aos desempregados.	Não apresenta
Pertwee, 2020	Líderes e Organizações: Geert Wilders (Partido pela Liberdade Holandês); Anne Marie Waters (Partido <i>For Britain</i>); Raheem Kassam (<i>Breitbart London</i>); Ezra Levant (Canadian Rebel Media); David Horowitz (Freedom Center – DHFC); Brigitte Gabriel (ACT for America); Jamie Glazov (FrontPage); David Yerushalmi (Sociedade dos Americanos pela Existência Nacional e do American Freedom Law Center); Lars Hedegaard (Free Press Society); Milo Yiannopoulos (“ <i>Gamergate</i> ”); Robert Spencer (Jihad Watch) e Pamela Geller (Atlas Shrugs). Organizações: <i>Football Lads Alliance</i> ; Movimento “identitário” Europeu (alt-right inglês); Middle East Forum (MEF) Americano; <i>Proud Boys</i> ; Pegida (Europeus patrióticos contra a islamização do Ocidente); Center for Security Policy (CSP); United West; Clarion Project; Stop Islamization of Nations; International Civil Liberties Alliance. Partidos Políticos: Partido da Independência do Reino Unido (UKIP); Partido Nacional Britânico (BNP). Figuras Públicas: Paul Gosar; Filip de Winter; Kent Ekeroth; Jérôme Rivière e Debbie Robinson; Donald Trump Jr.; Steve Bannon; Gavin McInnes; Nina Rosenwald; Alan Dershowitz; Daniel Finkelstein; Peder Jensen (“ <i>Fjordman</i> ”); Martin Sellner; Jared Taylor; Ted Cruz; Mike Pompeo. Financiadores: Fundações: Richard Mellon Scaife; Lynde e Harry Bradley; Newton D. & Rochelle F. Becker; Charitable Trust; Russell Berrie Foundation; Rosenwald Family Fund; Alan and Hope Winters Family Foundation; Fairbrook Foundation; Donors Capital Fund.	Diversas formas de financiar as ações e mobilizações neofascistas.	Não apresenta

Robinson, 2019	Classe Capitalista Transnacional Emergente (TCC).	A luta contra o fascismo é necessariamente uma luta contra o TCC; o cerne do fascismo do século 21 é a triangulação do capital transnacional com o poder político reacionário e repressivo no Estado e as forças neofascistas na sociedade civil; os projetos fascistas emergentes do século 21 são uma resposta à crise; os projetos neofascistas são uma tentativa de refundar a legitimidade do Estado.	Apresentar uma alternativa de esquerda clara que não seja apenas administrar o Estado capitalista e sua crise.
Álvarez e Chase-Dunn, 2019	1% dos ricos e as grandes corporações como responsáveis pelas crises econômicas e políticas de austeridade do século 21.	A direita global tem sido eficaz em grande parte porque construiu seus próprios inimigos como 'os globalistas', 'o sistema' e 'imigrantes'.	Diagonalismo; nomear os predadores da classe corporativa transnacional e da direita global neofascista e populista.
Moghadam, 2019	Não apresenta	Não apresenta	Taxa Tobin sobre capital especulativo e impostos semelhantes sobre transações financeiras internacionais; desmantelamento de operações bancárias offshore ('paraísos fiscais, jurídicos e bancários'); codificar direitos ao emprego, segurança social e igualdade entre mulheres e homens; promoção do comércio equitativo e da proteção do patrimônio cultural; estabelecer a soberania agrícola e alimentar; proibição de patentes sobre conhecimento pertencente a seres vivos; desprivatização dos bens comuns; políticas que proíbem a discriminação, sexismo, racismo, xenofobia e anti-semitismo; acabar com a destruição do meio ambiente; desmantelamento de todas as bases militares estrangeiras; o direito de livre acesso à informação e apoio à mídia sem fins lucrativos; horizontalismo do FSM.
Martins, 2019	<u>Cinco monopólios:</u> 1. As novas tecnologias; 2. O padrão monetário e fluxos financeiros internacionais; 3. O acesso aos recursos naturais do planeta; 4. Os meios de comunicação; 5. As armas de destruição em massa.	Contradições do projeto de globalização neoliberal estão ligadas ao surgimento do neofascismo	Quinta Internacional (centro-esquerda internacional, capaz de reunir em torno deles revolucionários e reformistas)
Askanius e Mylonas, 2015	A crise financeira.	A crise: principal problema é o multiculturalismo; a crise é vista como um produto de várias décadas de políticas fracassadas e indecisão por políticos em áreas relacionadas à imigração; a crise é vista como uma "bagunça grega" (Grécia como a maçã podre da Europa) e as políticas de austeridade como inevitáveis, necessárias e justas; desconsideram a natureza sistêmica da crise e a política unilateral pró-mercado da União Europeia, o programa do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional de austeridade fiscal e reformas estruturais implementadas nos chamados países PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha); noções escatológicas, apoiadas e dramatizadas por afirmações racistas, constroem uma legitimação do ressurgimento do fascismo como uma forma de "solução final" para a Grécia e, em última instância, para o mundo em geral.	Não apresenta
Testa e Armstrong, 2008	Carreiras políticas são sinônimas de cargos em clubes de futebol; Campanhas de adesão que exigiam uma assinatura e produziram um cartão de membro; <i>Direttivi</i> (conselhos organizadores) compostos por aqueles que, tendo aprendido habilidades organizacionais na esfera política, agora despejam essas energias na esfera do futebol.	A autoridade era baseada no carisma e no senso de moralidade; resistências aos sistemas judiciais nacionais; opostos à globalização (mas desfrutando das habilidades de um jogador de futebol estrangeiro); desprezam a lógica comercial do futebol de elite contemporâneo, mas não podem se afastar do espetáculo que ele oferece; desdenhosos das buscas materialistas de eficiência e buscam qualidades abstratas (fé, a coragem e a figura do herói/ guerreiro).	Não apresenta

Fonte: elaboração do autor

Quadro 4. Autor e ano, país e ênfase na análise realizada e classificação da relação entre neofascismo e capital internacional encontradas nos artigos incluídos na revisão sistemática crítica. 2021.

Autor, Ano	País(es)	Ênfase da análise		Relação entre o neofascismo e o capital internacional															
		teórica	empírica	aspectos ecológicos	exploração de novos mercados	salto qualitativo na dinâmica de exploração	palingênese	ultraneoliberalismo	decadência capitalista	guerra cultural	inversão neofascista	diversidade grupuscular	gênese do neofascismo	reformismo	os <i>de baixo</i>	crise do Estado	liderança carismático-popular	críticas às instituições democráticas	violência simbólica
Means e Ida, 2020	EUA	x		x	x	x	x	x											
Noonan, 2020	China	x							x	x									
Oprakto et al, 2020	Áustria, Croácia, Alemanha, Sérvia e Suécia	x									x								
Pertwee, 2020	Reino Unido		x									x							
Robinson, 2019	EUA	x							x				x						
Álvarez e Chase-Dunn, 2019	EUA	x								x									
Moghadam, 2019	EUA	x																	
Martins, 2019	Brasil	x							x										
Askanius e Mylonas, 2015	Dinamarca e Suécia		x							x				x	x	x			
Testa e Armstrong, 2008	Itália		x														x	x	x

Fonte: elaboração direta

O terceiro grupo são os que usam um referencial ‘*marxista*’ de análise (ROBINSON, 2019; OPRATKO et al, 2020). Neste tem-se o estudo de Robinson (2019) que pode ser considerado como marxista ortodoxo⁹, pela forma, método de análise (materialista histórico-dialético) e categorias usadas. Ainda neste estudo, o papel do neofascismo apresenta-se intrinsecamente relacionado ao capital internacional e a análise gira em torno desta relação (MASCARO, 2020). No estudo de Opratko et al (2020) os autores, usam o referencial teórico de Étienne Balibar e os ‘estudos culturais’ para análise das “culturas de rejeição” que emergem na Europa, cujos dados foram resultantes de diversas pesquisas realizadas pelos autores em 5 países (Áustria, Croácia, Alemanha, Sérvia e Suécia). Os autores, em função do referencial usado, divergem do fato de que o fenômeno vivido na Europa seja neofascismo e ainda equivalem o termo à ideia de “populismo de direita”:

Desenvolvemos o conceito heurístico e deliberadamente provocativo de “culturas de rejeição” para investigar as condições socioculturais nas quais políticas populistas autoritárias e de direita se tornaram aceitáveis. Esta abordagem **diverge** e ilumina a pesquisa existente sobre **populismo de direita** ou **neofascismo**. Apresentamos o conceito de culturas de rejeição com plena consciência do papel que a “cultura” desempenha nos discursos neorracistas (OPRATKO et al, 2020, p. 2) [grifos nossos]

Sabe-se que Balibar (1990) realiza uma crítica às categorias ‘classe’ e ‘proletariado’, admitindo que o estágio vivido por estas categorias as fazem “desaparecer” no sentido da sua substância. Isto, segundo Balibar (1990), é uma realidade, já que a universalização efetiva do antagonismo acaba por dissolver o mito de uma classe universal, levando a aposta na ideia de “cultura” e “identidade” como forma de obscurecer a classe/proletariado. O foco na ‘identidade’ fica evidente quando Opratko et al (2020) não reconhecem o papel do neofascismo, usando o termo populismo como forma de ressaltar a mediação entre as “elites políticas” em direção um “povo”, destituindo a discussão da questão de classe (LÖWY, 2021).

O quarto grupo é composto pelos estudos que usam uma perspectiva ‘*híbrida*’¹⁰ de análise, que inicialmente tinha origem no marxismo, mas que, em seu desenvolvimento, foi se afastando das teses marxistas centrais (MEANS e IDA, 2020; ASKANIUS e MYLONAS, 2015). Em Means e Ida (2020), o referencial de Hardt e Negri (baseados em Foucault e Spinoza) é o utilizado para desenvolver uma ontologia política da educação como representação de como os modos de educação circulam para

⁹O marxismo ortodoxo refere-se aos estudos baseados diretamente no método de Marx e Engels.

¹⁰É possível considerar que o termo ‘híbrido’ seja o mais adequado para evitar que os autores filiados à tradição de Hardt e Negri ou de Laclau e Mouffe, por qualquer razão, não se reconheçam no termo “pós-modernidade” já que o pensamento dos autores transitou do marxista em direção ao ecletismo. É importante ressaltar que a “pós-modernidade” é um termo genérico que envolve pelo menos três grandes correntes de pensamento teórico (o ‘pós-modernismo’, a ‘teoria social pós-moderna’ e a ‘neomodernidade’), portanto, ela não pode ser lida como um conjunto teórico monolítico, mas deve ser criticada em seus detalhes a luz do pensamento marxista (CARNUT, 2019). Por isso, pode-se assumir o que Rush (2006) aponta sobre a análise de Hardt e Negri como uma teoria de “hibridação pós-moderna” e nos alinhamos ao que aponta Green (2017) sobre Laclau e Mouffe como uma perspectiva distintamente ‘pós-moderna’.

estabilizar e conter as crises do Império. Bispo (2016) afirma que podemos considerar que Antonio Negri assume o legado foucaultiano numa perspectiva nietzschiana, que, quando aplicados ao neofascismo, considera-o como “movimentos de direita” que têm habilmente explorado uma perda percebida de *status* acumulada, transformando queixas econômicas em ressentimentos raciais e étnicos. Esta compreensão afasta a centralidade da crise do capital como materialidade que faz com que as massas façam a adesão aos discursos discriminatórios. É aí que emerge o papel da educação neste cenário como contendora da crise conforme apontam os autores:

Dentro do imaginário corrupto dos movimentos de direita, a educação é apresentada como um meio de retornar a um passado glorioso e mítico, um exercício folclórico para constituir uma identidade nacional que purifica e restabelece um povo escolhido: isto é, *Make America Great Again*. Esses becos sem saída, das colônias espaciais ao(s) neofascismo(s), representam diferentes modos de como a **educação** circula como um **meio para estabilizar e conter** a crise do Império... (MEANS e IDA, 2020, p. 2). [grifos nossos]

Já Askanius e Mylonas (2015) usam a teoria do discurso pós-estruturalista (baseados em Laclau e Mouffe) para examinar a mídia *online* de extrema-direita como um local de luta discursiva sobre as causas, consequências e remédios da crise econômica europeia. Originalmente marxista, a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Mouffe teve como objetivo a reanálise da atividade política, reconfigurando-a e redimensionando as relações de conflitos para além da “polarização” entre proletariado e burgueses (LACLAU, 2001). Esta teoria se batiza como pós-estruturalista porque não credita à “estruturalidade” um caráter último da política no qual o sentido de ‘identidade’ o substitui. Assim, questiona-se o papel da emancipação humana quando assume que as ‘identidades’ de ‘proletário’ e de ‘burgueses’ são transitórias e inespecíficas a ponto de considerar este aspecto como um “reducionismo identitário” contido na teoria marxista (FREITAS, 2019). No entanto, no debate estritamente marxista sobre as classes sociais, a questão identitária é importante, mas não é o centro do debate, especialmente a depender do enfoque. Na análise histórica de Thompson (1987), os indivíduos só se compreendem proletários ou burgueses quando estão na práxis da luta pelos seus interesses que, obviamente, são antagônicos. Logo, o papel do antagonismo é central. Já como pontua Wright (2015), não se trata de uma ‘diferença’ que se assenta na identidade homogeneizando diferentes posições sociais e deslocando o debate da expropriação-apropriação. Assim, a classe e sua estrutura são centrais no debate marxista sobre o neofascismo e sua relação com o capital internacional já que, a análise não pode ser apenas orientada na perspectiva da identidade e sim em quais interesses antagônicos estão em jogo.

O quinto grupo, composto por apenas um estudo, faz parte do grupo dos estudos ‘*progressistas*’ (MOGHADAM, 2019) e trata do apelo do autor por uma mudança do movimento do Fórum Social Mundial para a organização de uma Quinta Internacional. O autor não discorre sobre uma perspectiva de

análise específica, apresentando-se bem assentado à esquerda em suas posições políticas contudo não deixa claro que referência segue, mesclando tendências.

O sexto e último grupo está também composto por um único estudo que usa a *‘Teoria do Novo Consenso sobre o fascismo’* (TESTA e AMSTRONG, 2008) para analisar os princípios neofascistas manifestados pelos os grupos de fãs de “ultras” no futebol como uma consequência e uma resistência aos valores socioculturais e políticos dominantes da Itália contemporânea. O primeiro consenso sobre o fascismo, considerado “afascista”, ou “*anti-antifascista*” (MELO, 2016), foi baseada na historiografia sobre Mussolini de Renzo De Felice (1929-1996) no qual a questão do apoio social das massas e sua base social nas camadas médias garantiam um consenso de legitimidade do regime fascista a partir de seu caráter “revolucionário” e de reengenharia de um “novo homem” necessário à transição de uma Itália tradicional à uma moderna. Esta teoria do consenso foi rechaçada pelos teóricos marxistas, à época Gramsci e Togliatti, que restauravam a ligação do fascismo com a crise do capitalismo monopolista em uma situação de decadência, na qual a adesão das camadas médias (que não era sua base social) e parte do proletariado ocorria em função de um descontentamento (legítimo) devido à piora nas condições de vida (MELO, 2016). Já o “novo” consenso sobre o fascismo, usado no estudo de Testa e Amstrong (2008), se dedica a consensuar sobre o que foi o fascismo e tem sido elaborado por Griffin (2012) após revisar historiograficamente a discussão por diversos especialistas. Para Griffin (2012) há uma tendência de os estudiosos focarem na dinâmica ideológica e cultural utópica dos fenômenos políticos e no exercício da violência na busca de uma nova ordem ao definirem fascismo, lateralizando assim, o papel da crise do capital. Para Iordachi (2009) o novo consenso nos estudos fascistas, guarda certa ligação com o antigo consenso, já que é uma convergência frouxa em torno de uma abordagem culturalista que afasta o consenso já existente na tradição marxista internacional de que o fascismo é um fenômeno reacionário, ou no máximo “contrarrevolucionário” e de alguma forma inextricavelmente relacionada ao capitalismo.

Aspectos neofascistas e/ou os agentes que representam a pauta neofascista em estudo

Quanto aos aspectos e/ou agentes ligados ao neofascismo, os estudos se dividem em três grupos. O primeiro grupo enfatiza os *‘aspectos neofascistas’* (MEANS e IDA, 2000; OPRATKO et al, 2020; ROBINSON, 2019; ALVAREZ e CHASE-DUNN, 2019; MARTINS, 2019). Neste grupo, os aspectos são gerais e não nomeiam agentes diretos da ação política neofascista, restringindo-se a delinear quais instituições sociais ou ‘mecanismos locais’ o neofascismo apresenta que liga sua ação ao movimento do capital internacional. Algumas são bem estabelecidas e apresentam coerência na análise marxista como a “educação como instituição solicitada pelo neofascismo”; a mobilização de populações insatisfeitas; e, o uso do poder do Estado para destruir as pressões competitivas do surgimento de novos pólos de poder econômico. Contudo, outros aspectos são passíveis de crítica na análise marxista. O primeiro deles é a

pauta do “Estado de emergência” no neoliberalismo autoritário. Ora, não se trata de o Estado estar em “emergência”, ou que precise ser salvaguardado por causa da ascensão autoritária do neoliberalismo neofascista, pelo contrário, o Estado faz parte desta engrenagem e sua forma jurídica é essencial para manter a aparência de legalidade dos ritos democráticos burgueses mesmo que o conteúdo jurídico não reflita os fatos como são (PACHUKANIS, 2017)¹¹. Um exemplo prático disto se trata da assunção da nulidade do judiciário brasileiro do processo que o ex-presidente Lula foi réu durante a escalada fascizante no país (DEUTSCHE WELLE, 2021). O segundo deles é a ascensão neofascista com a possível chegada de “outro período de desglobalização”. Ora isto sugere que a globalização arrefeceu, quando, na realidade, o capital nunca deixou de se expandir (ROBERTS, 2016). Os adeptos da “desglobalização” admitem que o efeito deriva de algumas mudanças muito profundas nos países desenvolvidos no qual o comércio, dentro da proporcionalidade da atividade econômica total, caiu entre 1914 e 1970. Este “declínio” indica que suas economias se tornaram menos integradas com as economias restantes do mundo. No entanto esta afirmação não encontra respaldo no cômputo total da economia capitalista já que no período de 1945-1970, a recuperação econômica, através do aumento da lucratividade, é evidente (ROBERTS, 2016). Há, portanto, uma tentativa de inversão (*inversionismo*) no qual o neofascismo provoca a queda do comércio, em grande parte torna-se responsável pela crise capitalista e não o contrário. O terceiro deles é a “priorização das lutas culturais negligenciando as batalhas econômicas”. Se, de fato as lutas culturais aparecem como campo de luta privilegiado é porque o avanço bélico-tecnológico do capitalismo não pode ser usado da mesma forma que foi na violência escarnada do fascismo entreguerras por motivos óbvios: a real possibilidade de extinção humana relacionada a uma possível terceira guerra mundial. De fato, as guerras atuam como uma contratendência à queda da taxa de lucro (CALLINICOS, 2014), mas, já que não podem acontecer no formato tradicional como ocorrido no primeiro quartel do século XX, sua readaptação ao século XXI requer estratégias de “matar populações sem sequer apertar um gatilho”. Assim as guerras culturais (no qual o inimigo é o “outro”) associada uma gestão negligente da crise sanitária do coronavírus parecem ser as *novas formas* de genocídio. Assim não há mais necessidade de campos de concentração; as barreiras imigratórias da Europa já tornam o terceiro mundo este espaço (CAMPOS, 2018). Não há mais necessidade de câmaras de gás; não prover oxigênio nos respiradores dos infectados por covid-19 já cumpre esse papel. Mas, tudo isto não significa dizer que não há um sentido econômico nestas ações. A ideia, com em toda guerra, é destruir para recomeçar, ou seja, queimar estoques de capital para iniciar novo ciclo de acumulação.

¹¹Não se trata de “guerras jurídicas” ou *Lawfare*. Estes conceitos, associados à social-democracia, admitem que as regras do jogo jurídico são imparciais e, portanto, ratificam o Estado Democrático de Direito como instituição forjada pelo “consenso social”. Ora, sabe-se que esta filosofia juscontratualista está longe de ter amparo sócio-histórico. Ao resgatar a historicidade do Estado Moderno, percebe-se que os ordenamentos jurídicos são erigidos, em última instância, para salvaguardar o capitalismo e não, na mesma proporção, os direitos sociais e humanos. Mas, os adeptos do *Lawfare* tendem a compreender as “suspensões democráticas” provocadas pelos neofascistas como “Estado de exceção”.

O segundo grupo de artigos enfatiza os ‘*agentes neofascistas*’ em termos de figuras públicas, escritores, casos de análise, ativistas, partidos políticos, grupos de hooliganismo, sites e blogs pessoais (NOONAN, 2000; PERTWEE, 2000; ASKANIUS e MYLONAS, 2015; TESTA e AMSTRONG, 2008). Dentre as figuras públicas tem-se: nos EUA, Donald Trump, reconhecida figura mundial da *alt-right* imperialista e neofascista. Bernard Lewis, historiador do Islã de origem britânica, professor em Princeton, foi o autor da expressão “choque de civilizações” no livro *The Roots of Muslim Rage*, que resume a “profecia realizada” em que acreditaram os neoconservadores da gestão Bush¹² (MASSAD, 2011). O termo “choque de civilizações” foi apropriado por Samuel Huntington, um conservador cientista político estadunidense que afirma que os principais atores políticos do século XXI seriam civilizações e não os estados nacionais e cujas tensões não estariam mais no âmbito ideológico, mas sim no plano cultural no qual as culturas trazidas aos Estados Unidos pela imigração são uma dessas “ameaças”. A rigor estes dois autores são um grupo de cientistas neoconservadores cujas teorias foram usadas pelos neofascistas a fim de justificar suas ações. Na Grã-Bretanha, a escritora da história do Oriente Médio Gisèle Littman (pseudônimo Bat Ye’Or) é responsável pelo termo *dhimmitude* considerada como a “específica condição social que resultou na *jihād*”¹³ e “estado de medo e insegurança” dos infiéis que são necessários “aceitar uma condição de humilhação”. Ela mistura o antiamericanismo e antisemitismo, como se tivessem a mesma raiz (islâmica). Estes traços teriam sido espalhados à cultura europeia e a política do continente teria sido resultado da colaboração entre radicais árabes e muçulmanos de um lado, e de outro, fascistas, socialistas, nazistas e antisemitas governantes da Europa. Já Stephen Yaxley-Lennon (pseudônimo “Tommy Robsinon”) é um ex-líder da Liga de Defesa Inglesa Anti-muçulmana – EDL), ativista de extrema-direita anti-islã e conselheiro político do ex-líder do Partido da Independência do Reino Unido (UKIP) Gerard Batten.

Na Suécia, o ativismo do *Nordfront* (“voz livre do Norte”) principal site do movimento neonazista da Resistência Nórdica cujo atual líder Simon Lindberg tem sido central. A organização *Nordisk Ungdom* (Juventude Nórdica), em funcionamento até 2019, também foi um apoio importante caracterizado como um movimento de extrema-direita, etnopluralista, anti-semita e fascista cujo líder é Fredrik Hagberg. O *Nationell.nu*, página de *youtube* e site de notícias da extrema-direita sueca tinha mais de 40.000 acessos, foi recentemente retirado do ar. Entre os partidos políticos, o principal é o *Svenskarnas Parti* (SvP – Partido dos Suecos) sendo um partido político neonazista sueco que hoje mantém uma revista *online* (*Realisten*) e que nas eleições gerais de 2010, tornou-se o primeiro partido “nacional-socialista” a obter

¹²Segundo Massad (2011, p. 17) “...que a solução para os países árabes da Turquia. A sede do império Otomano – que não é árabe, mas dominou a região – teve, de 1923 a 1938, o governo do general Mustafá Kemal Atatürk, que promoveu um Estado laico com reformas liberais e ações pró-Israel e Estados Unidos, afastando o “atraso” (e falta de paz para Israel) que a visão de mundo fechada dos islâmicos traria, em sua concepção”.

¹³*Jihad* é um conceito essencial da religião islâmica e significa empenho, esforço ou luta. Habitualmente entendida como “guerra santa” travada contra os inimigos da religião muçulmana.

um assento em uma assembleia municipal desde o fim da Segunda Guerra, ao alcançar 2,8% dos votos no município de Grästorp (oeste da Suécia) (BBC, 2014).

Na Dinamarca os principais agentes do neofascismo são os partidos políticos, como o *Danmarks Nationalsocialistisk Bevægelse* (Movimento Nacional Socialista da Dinamarca). Trata-se do principal partido neonazista do país presidido por Esben Kristensen e que não tem tido bom desempenho eleitoral, mas é uma cópia do NSDAP alemão de Adolf Hitler e o *Danskernes Parti*, partido de extrema-direita em ascensão. Dentre os principais sites de veiculação de informações neofascistas encontram-se o Stop Islamiseringen af Danmark (SIDA), uma associação dinamarquesa crítica ao Islã e o Modstand.nu de posse da Vederfølner, principal associação política conservadora nacional dinamarquesa da direita radical. Dentre os ativismos, a *Danmarks Nationale Front* (DNF) se denomina como uma organização em que radicais de direita têm um ponto de convergência político comum. Dentre os blogs pessoais a Uriaposten e Snaphanen são os mais aliados à extrema-direita islamofóbica. Por fim, na Itália, as “Ultras” *Lazio* e *Irriducibili*, são organizações de hooliganismo de direita, xenófobos, misóginos que rememoram o passado fascista italiano. Recentemente proibiram a presença de mulheres nas primeiras filas da Curva (setor da arquibancada destinado às organizadas) e em resposta aos hooligans rivais.

O terceiro grupo que apresenta tantos ‘agentes como aspectos neofascistas’ (MOGHADAM, 2019). O autor trabalha com o problemático termo “populistas de direita”¹⁴ e foca de maneira geral o problema do neofascismo com os partidos políticos anti-islâmicos e ainda cita Steve Bannon assessor político e estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump, tendo estado à frente do *Breitbart News*, um site de notícias, opinião e comentários de extrema-direita.

Representação do capital internacional nos estudos

Quanto à representação do capital internacional, os estudos podem ser divididos em quatro grupos. Um primeiro grupo no qual os autores ‘*não apresentam*’ claramente quem representaria o capital internacional (OPRATKO et al, 2020; MOGHADAM, 2019).

O segundo grupo é composto dos estudos que ‘*apresentam nomes de líderes ou figuras públicas*’ (MEANS e IDA, 2020; NOONAN, 2020; PERTWEE, 2020). Jeff Bezos, CEO da Amazon e Elon Musk fundador, CEO e CTO da SpaceX e diversas outras empresas, são oligarcas ligados ao setor de tecnologia corporativa avançada e almejam o comando da formulação de políticas e agendas internacionais, como no Fórum Econômico Mundial. Estes membros constituem uma facção pró-Trump que não rejeitam o capitalismo globalizado, mas querem renegociar os termos de troca em favor ao EUA. São, portanto, expoentes da direita liberal fascistizada, estando de acordo com a abertura ética ao povo, rejeitando o lado

¹⁴Ver nota de rodapé n. 1

negro do nacionalismo e da xenofobia desencadeada por Trump e, pelo menos nominalmente, estando comprometidos com o capitalismo verde. Outro grupo de representantes do capital internacional que apoiam materialmente as ações neofascistas se constituem em uma rede difusa que podem ser divididos em: a) líderes de organizações; b) organizações propriamente ditas; c) partidos políticos; d) figuras públicas; e c) financiadores diretos. Todos eles podem ser conferidos no estudo de Pertwee (2020) no Quadro 3. Grande parte destes dados conferem com o levantamento sobre a extrema-direita europeia feito por Mulhall e Khan-Ruf (2021).

O quarto grupo é composto por artigos que *‘apresentam o capital internacional com uma generalidade’* (ROBINSON, 2019; ÁLVAREZ e CHASE-DUNN, 2019; MARTINS, 2019; ASKANIUS e MYLONAS, 2015; TESTA e AMSTRONG, 2008). Isto fica evidente na nomenclatura que Robinson (2019) faz dos representantes do capital internacional como *‘Classe Capitalista Transnacional Emergente’* (TCC). Esta nova ordem corporativa transnacional, baseada na tríade (Estados Unidos, Europa, Japão) é composta, segundo o autor, pela ascensão de poderosos contingentes do TCC no antigo Terceiro Mundo. Outra forma que os autores usam para nomeá-los é: 1% dos ricos e as grandes corporações como responsáveis pelas crises econômicas e políticas de austeridade do século 21. Este 1% seriam detentores de cinco monopólios principais: 1) novas tecnologias; 2) padrão monetário e fluxos financeiros internacionais; 3) acesso aos recursos naturais do planeta; 4) meios de comunicação; e 5) armas de destruição em massa. Para Askanius e Mylonas (2015) a crise financeira é o problema da indução do neofascismo e a principal representante do movimento do capital. Assim, traduzida em medidas de austeridade na zona do euro, promoção do discurso de extrema-direita pela mídia; ameaças das crise agravada pelo multiculturalismo, a sensação que a economia capitalista avançada das sociedades ocidentais é reificada como algo concreto e natural possuindo características nacionais e de “propriedade” de uma comunidade racial-territorial; e ainda a noção de que a crise não é sistêmica, mas como uma perversão provocada pela presença do “outro” tem sido as generalidade em que os autores se baseiam. Por fim, Testa e Armstrong (2008) demonstram como os cargos em clubes de futebol são trampolins para carreiras políticas potencialmente financiadora das ações neofascistas hooliganistas. O capital neste caso ainda advém de campanhas de adesão que exigiam uma assinatura e produziram um cartão de membro; e dos *Direttivi* (conselhos organizadores) compostos por aqueles que, tendo aprendido habilidades organizacionais na esfera política, agora despejam essas energias na esfera do futebol.

Relação existente entre o capital internacional e o neofascismo

Quanto à relação existente entre o capital internacional e o neofascismo, os estudos podem ser divididos em quatro grupos de argumentos. O primeiro grupo são aqueles artigos que *‘não apresentam’*

argumentos que explicitem a relação entre o capital internacional e o neofascismo representado apenas pelo estudo de Moghadam (2019).

O segundo grupo são aqueles que trazem argumentos que visam uma ‘*intenção*’ do capital internacional sob o jugo do neofascismo (OPRATKO et al, 2020; MEANS e IDA, 2020). Para Means e Ida (2020) ao refletirem sobre o processo de expansão capitalista, vislumbram a ambição neofascista para as fronteiras extraterrenas. Assim os autores acreditam que a colonização espacial (Império a toda a galáxia), as fantasias de eterna acumulação de capital, movidas pela educação e tecnologia; a economia de Inteligência Artificial (IA) movimenta o caminho para reposicionar a educação no sentido de retrainar os trabalhadores em função da ampliação do Império. Ora, por mais que seja uma intencionalidade, ela já existe, portanto, o neofascismo, por mais que seja um impulso ao “destrave” da acumulação capitalistas no neoliberalismo, o adiantamento da corrida espacial já logra êxitos pelo menos desde 1957-1975 (CARVALHO, 2015). O ideário exoplanetário de avanço do capitalismo para fronteiras extraterrestres não se apresenta necessariamente como um processo de exploração de outros espaços geográficos proporcionados pelo impulso neofascista. Contudo, esta forma-política ao tentar reengendrar as formas de divisão social do trabalho e do novo fluxo de capitais internacionais que reposicionem a partilha do mundo (terreno) sob novas condições, não se eximiria de explorar estas fronteiras. Em termos dialéticos, o avanço do capital avança, mas sempre de forma desigual e combinada, e, em uma escala intergaláctica, poderíamos dizer que ele avança mais dentro do que fora do planeta, ainda.

No imaginário dos movimentos de direita, a educação, por ser um *locus* de trânsito ideológico facilitada, é requisitada palingeneticamente, ou seja, para rememorar vangloriosamente o passado, inculcando uma “volta” anacrônica ao tradicionalismo. Mais do que uma intenção, este uso da educação no(s) fascismo(s), seja entreguerra ou de novo tipo, é recorrente (PACHUKANIS, 2020). Não à toa, toda sorte de desqualificação dos serviços públicos educacionais, o declínio do investimento público na educação em nome da dívida compulsória dos Estados e o impulso para privatizar, padronizar e fascistizar os sistemas de educação fazem parte deste projeto. É bom lembrar o que foi descrito por Griffin (2012) como o ‘peso da ideologia’ na construção do(s) fascismo(s). Ele atinge um grau de importância tão (ou pelo menos semelhante) ao movimento do capital e, em suas crises, os sistemas educacionais são a porta de entrada mais importante pois atuam como reprodutora da ideologia dominante do período fascista. No neofascismo brasileiro, por exemplo, isto vem se configurando com muita intensidade com a entrada privatizante acentuada do setor privado na educação superior fascistizado e a militarização provocando o interdito e a censura de temas (como a ‘gênero’) na educação básica (CARNUT, 2021). Ainda neste grupo há uma esperança, colocado no estudo de Opratko et al (2020), que o Estado deveria ser a instituição para liderar a saída da crise econômica, fornecendo suporte financeiro à economia ou oferecendo compensações a empresas e aos desempregados. Ora, esta intenção de que o Estado seria o responsável

pela saída da crise econômica é por demais reformista e, a luz do neofascismo, demonstra o quanto a análise prescinde da relação Estado-Capital-Fascismo de forma totalizante.

O terceiro grupo são aqueles artigos que trazem argumentos que fazem uma ‘constatação’ da relação entre o capitalismo internacional e o neofascismo vivido no mundo hoje (PERTWEE, 2020; MEANS e IDA, 2020; NOONAN, 2020; ÁLVAREZ e CHASE-DUNN, 2019; MARTINS, 2019; ASKANIUS e MYLONAS, 2015).

Os estudos constataam que as contradições do projeto de globalização neoliberal estão ligadas ao surgimento do neofascismo por diversos mecanismos. Seja pela figura “carismático-moralista” imperialista Trump (NOONAN, 2020), seja pelas diversas formas de financiar as ações e mobilizações neofascistas (PERTWEE, 2020) que estas redes estão interligadas. O fato é que nem Trump e nem os neofascistas são a causa do declínio do mundo liberal-capitalista cosmopolita, eles são um efeito de sua decadência e fracasso. Por mais que a crítica à Trump e ao neofascismo tenha se concentrado mais na sua retórica (de oposição à globalização, desprezo a lógica comercial etc.), e não nas realidades da competição estratégica, os estudos apontam que esta é uma limitação da análise importante e que tem resultado na eficácia que a direita global tem tido em “construir” seus próprios inimigos como ‘os globalistas’, ‘o sistema’ e os ‘imigrantes’ (ASKANIUS e MYLONAS, 2020)

Especialmente na Europa, a crise é vista como um produto de várias décadas de políticas fracassadas e indecisão por políticos em áreas relacionadas à imigração; como uma “bagunça grega” (Grécia como a maçã podre da Europa) e as políticas de austeridade como inevitáveis, necessárias e justas. De maneira geral, as massas desconsideram a natureza sistêmica da crise e a política unilateral pró-mercado da União Europeia, o programa do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional de austeridade fiscal e reformas estruturais implementadas nos chamados países PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha). Neste sentido fazem adesão a ‘noções escatológicas’, apoiadas e dramatizadas por afirmações racistas, constroem uma legitimação do ressurgimento do fascismo como uma forma de “solução final” para a Grécia e, em última instância, para o mundo em geral. Conforme apontam Askanius e Mylonas (2020):

Dessa forma, as explicações para a crise se encaixam no discurso político dominante e no enquadramento da crise pela grande mídia, que tem sido assombrado por estratégias retóricas de alteridade e bode expiatório empregadas para explicar a crise **em termos culturalistas**. Nestes “jogos de culpa”, o discurso da crise oferece explicações para o mal-estar nos traços culturais de grupos específicos que são responsabilizados por desencadear ou agravar a crise (ASKANIUS e MYLONAS, 2020, p. 64) [grifos nossos].

O quarto grupo refere-se aos artigos que trazem argumentos ‘controversos’ sobre a relação entre o capitalismo internacional e o neofascismo (NOONAN, 2020; ROBINSON, 2020; ASKANIUS e MYLONAS, 2015). Para Robinson (2020), de uma maneira geral, a luta contra o neofascismo equivale a

luta contra a Classe Capitalista Transnacional emergente que o autor batiza de TCC. O autor ainda afirma que o cerne do fascismo do século 21 é a triangulação do capital transnacional com o poder político reacionário e repressivo no Estado e as forças neofascistas na sociedade civil. Este é um tema controverso porque esta equivalência absoluta não é uma afirmação verdadeira. Em que pese que os neofascistas são certamente uma classe capitalista dominante mundial, mas eles são minoritários dentre as demais frações burguesas do capitalismo transnacional que não são necessariamente fascistas, mas são liberais de direita, por vezes fascistizados ou não, mas que apoiam ou se identificam com a retórica neofascista, fazendo adesões eleitorais, mas nada que denote um esforço maior neste caminho. Os fascistas, como coloca Pachukanis (2020), “não chegam ao poder sozinhos”. Eles precisam de uma massa popular mobilizada, e apoio de frações burguesas que, em termos concretos não podem ser classificadas como fascistas em seu sentido estrito.

Robinson (2020) ainda afirma que os projetos fascistas emergentes do século 21 são uma resposta à crise. Em que pese que isto seja verdade na perspectiva marxista de análise (BOITO JÚNIOR, 2020; DEMIER, 2018), os autores que se dedicam aos “estudos fascistas”, conforme explicitado por Griffin (2012), não atestam essa assertividade. Nesse diapasão, Robinson (2020) segue explicitando que, para o enfrentamento da crise capitalista, os projetos neofascistas buscam refundar a legitimidade do Estado, tornando-a mais restrita. A rigor, esse argumento também pode ser controverso quando analisado pela “teoria do novo consenso”.

Outro ponto bem controverso, a partir da análise marxista sobre o neofascismo é o papel do multiculturalismo como principal problema da crise conforme trazido no artigo de Askanus e Mylonas (2020). Em que pese o assento que os autores dão à crise e sua relação com o neofascismo, o papel do culturalismo, como descrito anteriormente ganha centralidade na explicação do ‘componente ideológico’ do neofascismo na Europa, alçando o problema cultural a um âmbito maior do que ele de fato possa ter.

Testa e Armstrong (2008) também fazem afirmações bastante questionáveis em função das ‘tensões’ explicativas que existe no rol dos estudos fascistas. Uma delas é a questão das ‘resistências aos sistemas judiciais nacionais’ que os neofascistas hooliganistas italianos teriam. De fato, ao compreender a história do fascismo em seu desenvolvimento do período entreguerras, o papel da crítica dos fascistas italianos aos “ritos institucionais” e à “política parlamentar” justificou, em conjunto com outros acontecimentos, a condena das instituições burguesas das quais o Estado e o sistema jurídico fazem parte (PACHUKANIS, 2020). Já no caso do neofascismo, o que os estudos atuais sugerem é que os neofascistas não rechaçam diretamente as instituições burguesas ou, quando isto acontece permanecem apenas no âmbito retórico, inclusive utilizando-se dos ritos democráticos formais para suas ações políticas no âmbito Estatal (CARNUT, 2020). No caso dos hooliganistas italianos isto parece mais um traço de sobrevivência

cultural do fascismo vivido naquele país, especialmente, pelo desejo deste grupo da busca por qualidades abstratas (fé, a coragem e a figura do herói/guerreiro) ligadas a uma visão palingenética de Mussolini.

O papel da(s) esquerda(s)

Sobre o papel das esquerdas e as formas de enfretamento e/ou saídas do cenário neofascista os artigos se dividem em dois grupos. O primeiro grupo são os artigos que *‘não apresentam o papel da esquerda e não sugerem saídas’* (TESTA e AMSTRONG, 2008; OPRATKO et al, 2020; PERTWEE, 2020; MEANS e IDA, 2020; NOONAN, 2020; ASKANIUS e MYLONAS, 2015).

O segundo grupo são os artigos que *‘apresentam o papel da esquerda e sugerem saídas’* (MOGHADAM, 2019; ÁLVAREZ e CHASE-DUNN, 2019; MARTINS, 2019; ROBINSON, 2020). Dentre as principais saídas que os autores apresentam transitam desde recomendações gerais até ações de reorganização da esquerda internacionalmente. Dentre as recomendações gerais estão: desprivatização dos bens comuns; acabar com a destruição do meio ambiente. Outros são mais específicos como: codificar direitos ao emprego, segurança social e igualdade entre mulheres e homens; promoção do comércio equitativo e da proteção do patrimônio cultural; estabelecer o direito de um país à soberania agrícola e alimentar; proibição de patentes sobre conhecimento pertencente a seres vivos; políticas públicas que proíbem a discriminação, sexismo, racismo, xenofobia e antissemitismo; desmantelamento de todas as bases militares estrangeiras; o direito de livre acesso à informação e apoio à mídia sem fins lucrativos. Alguns passam pelas ações de interdição do trânsito do capital financeiro internacional como: implantar a Taxa Tobin sobre capital especulativo e impostos semelhantes sobre transações financeiras internacionais¹⁵; promover o desmantelamento de operações bancárias *offshore* (‘paraísos fiscais, jurídicos e bancários’). Outras propostas relacionadas ao internacionalismo de esquerda foram apresentadas, especialmente ligada ao Fórum Social Mundial como: praticar o horizontalismo do Fórum Social Mundial e a realização de uma Quinta Internacional (centro-esquerda internacional, capaz de reunir em torno deles revolucionários e reformistas) e praticar, na sociedade, o diagonalismo. Este é um termo cunhado por Boaventura de Souza Santos, referente à crítica realizada às formas organização da luta da esquerda. Para ele, a política dos corredores (burocráticos da representação) e política das ruas (na presencialidade coletiva de indivíduos) não são o suficiente nos tempos atuais, assim sendo entre os verticalistas (tradicionais) e os horizontalistas (novos movimentos), precisa-se de um meio termo com o que há de positivo dos dois no qual o autor batiza de “diagonalismo”. Por fim, outras propostas mais

¹⁵A Taxa Tobin, ou como vem sendo intitulada mais recentemente, Imposto sobre Transações Financeiras (ITF), refere-se a uma temática da maior atualidade no capitalismo contemporâneo financeirizado, considerada por um movimento global de acadêmicos e grupos da sociedade civil como um mecanismo de enfrentar os problemas do capital fictício que assolam os países em geral, particularmente a União Europeia. Trata-se de uma medida que foi inicialmente proposta por um estudo elaborado em 1972 por James Tobin, Prêmio Nobel da Economia em 1981, e onde era aconselhada a cobrança de uma taxa de 0,50% sobre as operações de compra e venda de divisas. Para mais detalhes ver Schulmeister (2014).

combativas foram apresentadas como: nomear os predadores da classe corporativa transnacional e da direita global neofascista e populista; apresentar uma alternativa de esquerda clara que não seja apenas administrar o Estado capitalista e sua crise.

Considerações finais

De posse dos dados sintetizados e criticados nesta revisão é possível afirmar que a literatura científica apresenta dados plurais sobre a relação entre o neofascismo e capitalismo internacional que vão desde pessoas e grupos que apoiam, organizam e endossam o discurso neofascista, mas não necessariamente o são, até as pessoas, organizações, partidos políticos, movimento de (extrema)-direita e instituições doadoras que agem como financiadores das ações neofascistas no sentido transatlântico ‘Estados Unidos-Europa’ (incluindo especificamente, Inglaterra, Itália, Suécia, Dinamarca, Áustria, Croácia, Alemanha e Sérvia).

A literatura também é mesclada por estudos de caráter teórico e ensaístico com estudos que apresentam uma análise empírica caráter qualitativo. Os estudos ainda revelam que dentre as principais características que o neofascismo e o capital internacional apresentam na sua expressão enquanto fenômeno referem-se ao papel central da ‘decadência capitalista’ e o aspecto de ‘guerra cultural’ em que o fenômeno aparece na sociedade civil.

Assim é possível afirmar que a análise marxista sobre a gênese do neofascismo como fenômeno relacionado à decadência do modo de produção capitalista se confirma nos estudos revisados, fazendo um contraponto importante à análise culturalista. Logo, é possível pensar que, se o fascismo da época clássica foi fundamental para tencionar o imperialismo reordenando a correlação de forças em favor da entrada dos países de regime fascistas na repartição do império sobre o mundo, espera-se que o neofascismo de hoje reacomode o lugar destes países onde o neofascismo ocorre em uma nova condição na dominação imperialista. Portanto, o império será obrigado a “repartir o bolo” com novos “atores” e reajustar a submissão “às migalhas” de outros.

Por fim, cabe ressaltar que a revisão da literatura sobre ‘neofascismo e capitalismo internacional’ contribui para elucidar e, ao mesmo tempo, alertar para a compreensão da ideologia disseminada por Bolsonaro, de seu governo e de suas políticas. Serve ainda para entender o papel dos movimentos que lhe garantem suporte na tentativa, provavelmente frustrada, de realocar geoeconomicamente o Brasil neste cenário mundial, no qual o fechamento de regime no contexto de acirramento da crise econômica demonstra a tendência que está a se aproximar.

Referências

ÁLVAREZ, Rebecca; CHASE-DUNN; Christopher. Forging a diagonal instrument for the global left: the vessel. **Globalizations**, United Kingdom, v. 16, n. 7, p. 1027-1042, 2019.

AMIN, Samir. O imperialismo, passado e presente. **Tempo**, Niterói, RJ, v. 9, n. 18, p. 77-123, 2005.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER Beverly J.; **Caos y orden en el sistema-mundo moderno**. Espanha: Akal. 2001.

ASKANIUS, Tina; MYLONAS, Yiannis. Extreme-right responses to the European Economic Crisis in Denmark and Sweden: The Discursive Construction of Scapegoats and Lodestars. **Javnost - The Public**, United Kingdom, v. 22, n. 1, p. 55-72, 2015.

BALIBAR, Étienne. Da Luta de Classes à Luta sem Classes? BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **Race, Nation, Classe: trois identités ambiguës**. Paris: Ed. de la Découverte, 1990, p. 207-246.

BBC G1. Apoio a extrema-direita dobra na Suécia, 'porto seguro' de refugiados. 2014. Acesso em 09/03/2021. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/apoio-a-extrema-direita-dobra-na-suecia-porto-seguro-de-refugiados.html>

BEINSTEIN, Jorge. Neofascismo e decadência: o planeta burguês à deriva. Tradução: Partido Comunista Brasileiro (PCB). 2018. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/neofascismo-e-decadencia-o-planeta-burgues-deriva>

BISPO, Laio Sampaio. Negri leitor de Foucault – entrelaçamentos, apropriação e deslocamentos acerca do conceito de biopolítica. **Revista Ideação**, Feira de Santana, BA, v. 1, n. 33, p. 255-282, 2016.

BOFFO, Marco; SAAD-FILHO, Alfredo; FINE, Ben. Neoliberal Capitalism: The Authoritarian Turn. **Socialist Register**, Canada, v. 55, p. 312-320, 2019.

BOITO JÚNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo?. **Crítica Marxista**, Campinas, n.50, p.111-119, 2020.

CALDEIRA-NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, Fortaleza, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CALLINICOS, Alex. **Deciphering Capital**. Bookmarks; UK ed. Edition, 2014.

CAMPOS, Rogério de. Uma inovação brasileira: o fascismo servil. 2018. Acesso em: 01/03/2021. Disponível em: https://diplomatie.org.br/uma-inovacao-brasileira-o-fascismo-servil/?fbclid=IwAR3oIjafHCwZ6uZrI8pUSqRN4NXc6Id5jBcl0Lf5pTcg3vDd0r_cSS7-E

CARNUT, Leonardo. Neo-fascism and the public university: the Brazilian conjuncture in the Bolsonaro government. **Journal for Critical Education Policy Studies**, United Kingdom, (No prelo), 2021.

CARNUT, Leonardo. Neofascismo como objeto de estudo: contribuições e caminhos para elucidar este fenômeno. **Semina. Ciências Sociais e Humanas (Online)**, Londrina, v. 41, p. 81-108, 2020.

CARNUT, Leonardo. Para uma crítica ao pós-moderno: o social nas ciências da saúde e o papel da educação crítica – primeiras reflexões. **Práxis Comunal**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 151-167, 2019.

CARVALHO, Tiago Emanuel da Cunha. O Conflito entre MPLA e UNITA/FNLA como Materialização do Confronto URSS/EUA: no contexto da Guerra Fria. Dissertação de Mestrado – Universidade Beira Interior – Relações Internacionais, 2015.

DEUTSCHE WELLE. “Justiça foi feita” e “impunidade”: a repercussão da anulação das sentenças de Lula. 2021. Acesso em 09/03/2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/justi%C3%A7a-foi-feita-e-impunidade-a-repercuss%C3%A3o-da-anula%C3%A7%C3%A3o-das-senten%C3%A7as-de-lula/a-56810765>

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? **European Journal of Public Health**, United Kingdom, v. 19, n. 1, p. 2-4, 2009.

FASSIN, Éric. The neo-fascist moment of neoliberalism. 2018. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://braveneweuropa.com/eric-fassin-the-neo-fascist-moment-of-neoliberalism>

FERNANDES, Florestan. O modelo autocrático-burguês de transformação capitalista. In: _____. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, p. 289-366.

FILGUEIRAS, Luiz. A Economia Política do fascismo. 2018. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-economia-politica-do-fascismo/>

FILGUEIRAS, Luiz; DRUCK, Graça. EUA: o neofascismo perde seu farol. 2020. Acesso em 03/03/2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/analise/67484/eua-o-neofascismo-perde-seu-farol>

FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. 2019. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/08/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo/>

FREITAS, Felipe Corral de. O sentido (conceito) de liberdade na teoria do discurso de Ernesto Laclau. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, Pelotas, RS, v. 5, n. 2, 237-255, 2019.

GREEN, Bill. Currículo, política e a pós-modernidade: além da questão do conhecimento na pesquisa em currículo. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 501-514, 2017.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A Typology of Reviews: An Analysis of 14 Review Types and Associated Methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, EUA, v. 26, p. 91-108, 2009.

GOUGH, David; THOMAS, James; OLIVER, Sandy. Clarifying differences between review designs and methods. **Systematic Reviews**, EUA, v. 1, n. 28, p. 1-9, 2012.

GRIFFIN, Roger. Studying Fascism in a Postfascist Age. From New Consensus to New Wave? **Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies**. United Kingdom, v. 1, p. 1-17, 2012.

GUAMÁN, Adoración; MARTÍN, Sebastián; ARAGONESES, Alfons. **Neofascismo. La bestia neoliberal**. Espanha: Ediciones Akal, S.A., 2019.

IANONI, Marcus. Crise do capitalismo, democracia e neofascismo no Brasil: um conjunto de interseção. 2019. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/mr-10/mr12-1/12015-crise-do-capitalismo-democracia-e-neofascismo-no-brasil-um-conjunto-de-intersecao-autor-marcus-ianoni/file>

IORDACHI, Constantin. **Comparative Fascist Studies: New Perspectives**. London: Routledge, 2009.

LACLAU, Ernesto. Democracy and the Question of Power. **Constellations**, v. 8, n. 1, p. 3-14, 2001.

LÖWY, Michel. **Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo**. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/606674-dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo-artigo-de-michael-loewy?fbclid=IwAR0WuPawKKRgITD2LESwBpe_K2FPSFvMHTPnLSAzYFoqunZbLMATR-Uj-jM

LÖWY, Michel; DUMÉNIL, Gérard; RENAULT, Emmanuel. **100 palavras do marxismo**. São Paulo: Cortez, 2015.

MARINI, Ruy Mauro. O Estado de contrainsurgência. **Cuadernos Políticos**, México, n. 18, p. 21-29, 1978.

MARTIN, Brian. Dealing with Conspiracy Theory Attributions. **Social Epistemology**, United Kingdom, v. 34, n. 5, p. 409-422, 2020.

MARTÍN, Rafael Domínguez. Crisis orgánica, dependencia y neofascismo periférico en América Latina. ensayo de presentación e interpretación. **Bajo el Volcán: Revista del Posgrado de Sociología. BUAP**, México, v.2, n. 3, p. 9-75, 2020.

MARTINS, Carlos Eduardo. Samir Amin and the challenges of socialist transformation in senile capitalism. United Kingdom, **Globalizations**, v. 16, n. 7, p. 980-984, 2019.

MASCARO, Alysso Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguieni. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 9-24.

MASSAD, Anselmo. Os movimentos erráticos do Império. Acesso em 09/03/2021. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/revista/61/os-movimentos-erraticos-do-imperio/#>

MATHIAS, Gilberto; SALAMA, Pierre. **O Estado superdesenvolvido: ensaios sobre a intervenção estatal e sobre as formas de dominação no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense; 1983.

MEANS, Alexander J.; IDA, Yuko. Education after empire: A biopolitical analytics of capital, nation, and identity. **Educational Philosophy and Theory**, United Kingdom, v. 52, p. 1-10, 2020.

MELO, Demian Bezerra de. Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e o consenso sob o fascismo. **Revista Outubro**, São Paulo, n. 26, p. 113-143, 2016.

MOGHADAM, Valentine M. On Samir Amin's call for a Fifth International. **Globalizations**, United Kingdom, v. 16, n. 7, p. 998-1005, 2019.

MULHALL, Joe; KHAN-RUF, Safya. **State of hate: far-right extremism in Europe. 2021**. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://www.hopenothate.org.uk/wp-content/uploads/2021/02/ESOH-LOCKED-FINAL.pdf>

NOONAN, Jeff. Trump and the Liberal International Order. **International Critical Thought**, United Kingdom, v. 10, n. 2, p. 182-199, 2020.

OLIVEIRA, Gênesis. Algumas considerações sobre as pesquisas: o fascismo como tendência do capital-imperialista na sua fase de financeirização. 2018. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/10/07/algumas-consideracoes-sobre-as-pesquisas-o-fascismo-como-tendencia-do-capital-imperialista-na-sua-fase-de-financeirizacao/>

OPRATKO, Benjamin et al. Cultures of rejection in the Covid-19 crisis. **Ethnic and Racial Studies**, United Kingdom, v.44, p. 1-13, 2021.

OURIQUES, Nildo. A estabilidade burguesa e a crise brasileira. 2020. Acesso em: 05/03/2021. Disponível em: <https://revolucaobrasileira.org/11/08/2020/a-estabilidade-burguesa-e-a-crise-brasileira/>

PACHUKANIS, Évguieni. **A teoria geral do direito e o marxismo e ensaios escolhidos (1921-1929)**. São Paulo: Sundermann, 2017.

PACHUKANIS, Evguieni. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

PARINETTO, Luciano. Nazi-Fascism and Anal Repression: from the body and revolution in Marx: death, the devil and anality. **Barricade: A Journal of Antifascism and Translation**, EUA, v. 1, n. 3, p. 65-90, 2020.

PERTWEE, Ed. Donald Trump, the anti-Muslim far right and the new conservative revolution. **Ethnic and Racial Studies**, United Kingdom, v. 43, n. 16, p. 211-230, 2020.

PRADO, Eleutério F. S. Neofascismo e neoliberalismo. 2020. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-e-neoliberalismo/>

PUZONE, Vladimir. A ascensão do neofascismo entre a crise das esquerdas e os sujeitos neoliberais. 2019. Acesso em 03/03/2021. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/mr-10/mr12-1/12016-a-ascensao-do-neofascismo-entre-a-crise-das-esquerdas-e-os-sujeitos-neoliberais-autor-vladimir-puzone/file>

ROBERTS, Michael. **The long depression: how it happened, why it happened, and what happens next**. Chicago: Haymarket Books, 2016.

ROBINSON, William I. Capital has an Internationale and it is going fascist: time for an international of the global popular classes. **Globalizations**, United Kingdom, v. 16, n. 7, p. 1085-1091, 2019.

RUSH, Alain. A teoria pós-moderna do Império (Hardt & Negri) e seus críticos. In: BORÓN, Atilio. **Filosofia Política Contemporânea. Controvérsias sobre civilização, império e cidadania**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2016. p. 307-327.

SCHULMEISTER, Stephan. The Struggle Over the Financial Transactions Tax: A Politico-economic Farce. WIFO, Vienna, working paper 474, 2014. Acesso em: 13/03/2021. Disponível em: <http://www.wifo.ac.at/www/pubid/47272>

TESTA, Alberto; ARMSTRONG, Gary. Words and actions: Italian ultras and neo-fascism. **Social Identities**, United Kingdom, v. 4, n. 4, p. 473-490, 2008.

THOMPSON. Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

UTT, Jamie; SHORT, Kathy G. Critical Content Analysis: A Flexible Method for Thinking with Theory. **Understanding and Dismantling Privilege**. EUA, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2018.

VIEL, Ricardo. Entrevista com Manuel Loff: “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”, 2019. Acesso em: 01/03/2021. Disponível em: https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofascismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/?fbclid=IwAR3baEsQ17Dlk7RuavJqTzpx0b7F_2HPMmTzuwHGj_lz22FiMFZwQXveluI

WALLERSTEIN, Immanuel. **The capitalist world-economy**. United Kingdom: Cambridge Press, 2002.

WRIGHT, Erik Olin. **Análise de classe: abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.